



As edições da **Revista Alagunas** não possuem direitos autorais.
Podem e devem ser reproduzidas para fins não comerciais no
todo ou em parte, além de ser liberada sua distribuição,
preservando a fonte e o nome do autor.

revista@alagunas.com 

www.alagunas.com 

/revistaalagunas 

alagunas_ 

revistaalagunas 

janeiro
2018
ano III

punctum #12



Editor

Geovanne Otavio Ursulino

Editores adjuntos

Jarisson Albuquerque

Mácllen Luan

Paulo César Moreira

Conselho Editorial

Alberto Lins Caldas

Carlos Moreira

Patricia Laura Figueiredo

Autores

Alberto Lins Caldas

Ana Iris Santos

Antônio LaCarne

Carla Carbatti

Carlos Moreira

Diniz Gonçalves

Geovanne Otavio Ursulino

Jean Albuquerque

Luna Salazar

Micheliny Verunschik

Natália Agra

Pat Lau

Paulo César Moreira

Tito Leite

Em 1980, o filósofo francês Roland Barthes publica o livro *A Câmara Clara*. O livro trata sobre fotografia. Para tanto, Barthes desenvolve, entre outros, dois conceitos fundamentais: *studium* e *punctum*. No decorrer da obra, os dois conceitos se intercalam, mas, aqui, nos interessa o segundo conceito: Vindo do latim, a palavra designa um ponto ou uma ferida provocada por algum objeto pontudo; mas, nas palavras do autor, “*punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte – e também lance de olhos. O *punctum* de uma foto é esse caso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere)”.

O *punctum* é, portanto, para Barthes, algo em alguma determinada fotografia que o fira, que lateje, que salte aos olhos do *spectator*, que “somos todos nós, que compulsamos, nos jornais, nos livros, nos álbuns, nos arquivos, coleções de fotos”. Para o autor, o *punctum* é subjetivo ao *spectator*: Algo em alguma fotografia o afeta a partir de suas experiências de vida, a partir de suas percepções, a partir de suas memórias, a partir de sua leitura, a partir do instante em que se olha a fotografia.

Alagunas #12: Punctum, publicada em 28 de janeiro de 2018, inaugura as publicações do terceiro ano da Revista, tomando para si o conceito de Barthes e apontando para a possibilidade de produção de uma literatura que seja “picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte – e também lance de olhos”, que fira, que rasgue, que chame os olhos do *spectator* e os faça sentir, afetando as suas próprias memórias, as suas próprias experiências, as suas próprias vivências.

Editorial

ISSN
2447-1003

Editorial	três
arranhando por dentro Geovanne Otavio Ursulino	cinco
Primeira lição pra extirpar Carlos Moreira	seis
famintos Pat Lau	oito
no filme Diniz Gonçalves	10
Espinho & Saciedade Tito Leite	onze
cicatriz Luna Salazar	doze
A Mesma Chuva Natália Agra	catorze
outro cântico Micheliny Veruschk	10 e seis
depois da beleza Alberto Lins Caldas	10 e oito
o trato Ana Iris Santos	20 e dois
Anatomia da Cidade Diniz Gonçalves	20 e três
baleias Paulo César Moreira	20 e quatro
Longe de Casa Tito Leite	20 e seis
a palavra amor Micheliny Veruschk	20 e oito

20 e nove	domingo Jean Albuquerque
30	pulso Carla Carbatti
30 e dois	Anjos Beatniks Tito Leite
30 e três	Aquário Municipal Diniz Gonçalves
30 e quatro	Aranha Antônio LaCarne
30 e seis	a grande razão Geovanne Otavio Ursulino
30 e oito	sobretudo Carla Carbatti
30 e nove	nvblado Jean Albuquerque
40	festas e frestas Carla Carbatti
40 e um	negligência Jean Albuquerque
40 e dois	dor da pedra Paulo César Moreira
40 e três	Sobre os autores
40 e cinco	Sugestão de leitura

janeiro
2018
ano III

pun#12
ctum

índice

geovanne
otavio
ursulino

arranhando por dentro

me deixe morrer
os mortos andam rápido
mais rápido q o vento
atravessando o mundo

atravessando janelas
destruindo cidades
afundando navios
silenciosos e barulhentos

me deixe morrer
você não sabe da fera
arranhando por dentro
o medo o medo o medo

a vida arrastando
como lesmas
torrando em brasas
chorar não traz consolo

só o frio fica
o quarto vazio
as roupas velhas
o cheiro podre

me deixe morrer
antes do silêncio
do grande silêncio
q vem depois do fim

você não sabe da fera
atravessando o mundo
arranhando por dentro
o medo o medo o medo

carlos
Moreira



primeira lição para estripar um homem:
estripa-se o seu nome em praça suja
sua língua na lama sua sombra na sombra
em cada passo um golpe de medo
e no segredo que nunca houve
as larvas de milhões de segredos

segunda lição para estripar um homem:
para saber sua altura usar a régua do porco
a régua do rato a métrica do nojo
a balança do fogo: cada quilo valerá
menos que o outro e cada centímetro
um corpo a menos: a menos que o corpo
se jogue da ponte ou do porto
e poupe o inútil trabalho da vila
de matar um homem morto

terceira lição para estripar um homem:
não se estripa um homem só:
estripam-se os avós e netos
amigos silêncios e objetos
que cercam o homem a ser estripado
e tudo deverá caber no mesmo saco
um mundo inteiro reduzido
ao suposto fato de que tudo
retornará ao nada de que foi originado

quarta lição para estripar um homem:
estripa-se a palavra do homem
o dito o não dito o interdito
naquilo que sendo fala também cala
o que o torna homem: sua palavra
de homem que agora estripada
vale nada ou menos o que a pele
diria à faca: bem-vinda, senhora
sinta-se em casa

quinta lição para estripar um homem:
após estripado lança-se tudo
no fosso do fundo do calabouço
entre outros tantos estripados
carcaças de sonhos pedaços de loucos
para que até o fim dos tempos
de nenhum corredor possa brotar
o vivo reflexo de seus olhos

sexta lição para estripar um homem:
a vila inteira deverá lavar a praça
as ruas as casas as igrejas as estradas
e a própria vila deverá mergulhar
e manchar o rio com o vermelho
que escorrer de suas roupas pálidas
e queimá-las numa fogueira imensa
e caminharem nus e em silêncio
cada um em direção à cova de sua casa

última lição para estripar um homem:
verificar com exato cuidado
se a baleia não quer vomitá-lo
se não possui uma flauta de pedra
ou uma antiga lira afiada
que faça arrepiar a terra:
neste caso foi inútil estripá-lo:
multiplicado milpartido libertado
ele rompe a corrente do tempo
e atinge maior o outro lado:
inútil o sono da vila enquanto
canta o estripado

*



famintos

os doidos os famintos
os desmemoriados
todo tipo de improvável
caminha comigo

os que não me ouvem
os que me calam
os que pisam errado
os que não me largam

todo tipo de não dito
de mal entendido
abraço levo pra casa
lavo e passo

devolvo limpo e
em mãos

atraio todos os aleijados
os mancos os esfarrapados
os que curvados ainda amam
os que um pouco de lado
vivem de escorregão
em escorregão

Pat
Lau

trago todos comigo
como medalhas escondidas
sementes proibidas
peles endurecidas na palma da mão

*

no filme de Wim Wenders os peixes moram no deserto
as bandeiras estão sempre escondidas no porão
as cores desbotam em velhas máquinas de lavar
a vida é um fio trapezista na fronteira do Texas
as mulheres usam jeans com remendos amarelos
os anjos de gesso não são esculpidos por Aleijadinho
os aquários estão cheios de areia
os camaleões vestem sempre a mesma pele

diniz
Gonçalves

Espinho & Saciedade

A cidade sangra rosas de lata.

Menores dormem em hemorragia

— jejum forçado — colheita maldita.

Há poesia após o anjo sírio ceifar?

Poetas em via-crúcis das palavras

têm o mormaço que salva

do automático.

Plataformas no deserto, cães e dentes, tubarões.

Crua, uma pétala ulcerada

deseja fosforescer — ter bodas.

Em electrochoque — o futuro é azul metálico —

a recusa, um leão alado

na proa de um barco

em chagas.

Néctares robotizados em virtude de morte.

Muitos bens — pouca alma.

Minha inquietude precisa

voltar ao celeste.

tito
Leite

já foi o tempo da dor
olhos inchados
feridas abertas
tudo cicatriza
até que a dor não dói mais

já foi o tempo do choro
me tranco no quarto
lambo feridas sozinha
mas não dou o sabor
da lágrima minha

não sofro tua partida
agarra os peitos
abre as pernas
goza nas bocas
tudo cicatriza

até que a dor não dói mais
até q as madrugadas sozinha
não importam mais
me tranco no quarto
lambo feridas

mas não dou o sabor
da lágrima minha
abre as pernas
já foi o tempo do choro
já foi o tempo da dor

olhos inchados
feridas abertas
goza nas bocas
tudo cicatriza
até que a dor não dói mais

luna
Salazar

cicatriza



palpita um respingo de sangue na tempestade trêmula
ainda assim, ontem, um ensaio da chuva
putas que deslizavam na brasa forte de um cigarro
uma fotografia de Truffaut:
-vous êtes belle nue!

o mesmo passeio de barco que me levou ao beco da saudade
levou-me também ao berro da boca
você ainda nua
desliza na garganta
até os olhos sob a alma vão passando,
mas devagar

palpita um coração que bombeia tempestade
ainda hoje
de repente a chuva
piscadelas de estralas
nuas

A Mesma
Chuva



natália
Agra

i

mulheres de Jerusalém,
vocês viram o meu amado?
pomar de romãs
meu vinho meu leite
revoada de pássaros
mirra incenso
falo

[o meu amado
passou sua mão
pela fresta da porta
meu coração
entre seus dedos
estremeceu:

eu sou do meu amado
e ele é meu]



outro
cântico



depois da beleza

- tou acostumado ao suor •
- dos cavalos ao suor dos porcos e vacas •
- ao sangue dos porquinhos recém nascidos •
- sangrados pra serem assados com verduras •
- aos ovos prestes a romperem jogados •
- nagua fervendo como se fossem lagostas •
- comidos com pães dormidos e mofados •

- depois q a beleza me deixou •
- a alegria a leveza o sono se foram •
- tenho agora o suor dos cavalos o suor •
- gordo dos porcos o suor das vacas •
- q vão parir o suor das tetas geladas •
- frias como a lingua duma mulher morta •
- esquecida na carne duma vida indiferente •

- depois q a beleza me deixou •
- sobre essa cama branca de hospital •
- vejo meu sangue escorrer ate o chão •
- como o sangue dos porquinhos •
- q serão sangrados pra serem assados •
- com verduras com ovos postos na boca •
- pra combinar com o nada recém vertido •

- tou acostumado ao suor •
- aos ovos jogados nagua fervendo •
- como se fossem lagostas e caranguejos •
- porisso começo a gargalhar no quarto •
- quando meu sangue começa a jorrar •
- caindo no chão como sangue de porcos •
- depois q a beleza me deixou •

alberto lins
caldas



o
trato

a sala do comandante
 é a única liberdade possível
 nós temos um trato
 qualquer minúsculo deslize
 um olhar não reconhecido
 poderia me enforcar
 o único fingimento
 na sala do comandante
 era sermos amantes de
 uma maneira estúpida
 sua pose forçada cria
 laços entre nós como
 brincar de castelo com
 varetas e lençóis
 na sala do comandante
 estou confortável
 não me sento com pescoço
 rígido e costas esguias
 com os olhos fixados
 e a mão obediente
 com o comandante na sala
 essa alegria de sentir na pele
 é impar a sentir os móveis

a madeira e seus dedos
 passeando o assoalho
 as flores do estofado
 as listras de luz no chão
 a visão dos cenários que
 essa sala já foi
 somente o comandante
 possui o movimento
 a dor o impulso
 o chute e o nó
 o comandante saiu da sala sem dizer
 se ainda tínhamos um caso
 se houvesse fogo acesso na lareira
 veria seus movimentos
 a velocidade e a precisão
 o fogo me atravessaria
 e a presença deixaria de ser ideal
 não o amo mas agora
 temos o que fazer
 temos esse trato algo que
 corrompe o medo de
 descobrir ou ser descoberto

ana iris
 Santos

Eu Serei a Hiena

- *ainda tenho de suportar o meu cadáver,
bombardeado em Persépolis
me conforto numa gargalhada mortal
em desejo de outro corpo vivo
também em gargalhada
aí poderia ser mais uma vez uma hiena, não um cadáver*

*em Persépolis, a primeira vitima encontra-se sentada numa cadeira elétrica,
num silencio
como se já existisse*

- *ou eu serei a hiena, ou podem rir de mim*



diniz
Gonçalves

lança dados de grafite no
pano verde destinos
curvas calipíguas entre
a multidão de labirintos

pés sem passos apagam
as margens do estuário
e o cais de concreto
sem navios ou
mensagens engarrafadas

Anatomia
da Cidade

baileias



paulo
césar.
Moreira

as baleias um dia voltarao ao mar
disse rechif com os olhos brilhando de calor
um dia voltarao
não é possível que com tantas ondas
nesse mar
tantas ondas
as baleias se encalhem assim na costa
tantas e tantas
encalhadas na costa às carcaças
baleias que não sofreram nada
nenhum arpão nem tiros nem veneno
nem o lodo do fundo do oceano
nada só vieram ao sol da costa e encalharam
com a areia engolindo areia nos olhos no ouvido na boca goela a baixo e foram sumindo assim
do oceano as baleias nada deixaram conosco
toda a carne a gordura levaram pra queimar na costa
onde moram agora onde morrem fritas no sol das onze e nós com fome trinta oras



Longe
de Casa

Uma estrela
no fundo
da terra.

Desce a nuvem
em margem
de ferrugem.

Topázios límpidos
diluídos em petróleo
de porcos.

Vinho seco.

Um místico
se veste
de rito.

tito
Leite

Como as flores se perdem
das suas estações?

a palavra amor
comporta todo esse desastre
todo esse choro e desencontro
todas as guerras pelo nome
helena
ou fatma
ou maria
ou césar
ou miguel
etcetc ao infinito?
a palavra amor
comporta todas as tecnologias
para um abraço
o avião o trem
a velha carroça encostada nos fundos da casa
e essas cartas
essas músicas
essas joias e penduricalhos?
a palavra amor
comporta todo os filmes
do cinema americano
as balas zunindo de ciúmes e desengano?
a palavra amor comporta
todos os verbos
e esses versos mal escritos
que envergonhariam os primeiros
habitantes das cavernas?
a palavra amor comporta
tanto bicho morto
pilhas de livros
tantas fogueiras
e luas ao redor do sol
e ainda as vozes que pairam sobre as cabeças
eu te amo te amo te amo?
a palavra amor
[esse móbile girante
objeto perfuro-cortante]
comporta a minha vida
e a tua?

micheliny
Verunschik

ansiolíticos
crises de ansiedade
casa nova
paredes rabiscadas
com poesias ruins
portas
entortam com o calor
cômodos vazios
replay na solidão

jean
Albuquerque

domingo

Let's Die
"Breakin' Free"

havemos de aprumar o peito
o punho
no pulsar das praças
no lugar comum
o coração tem residência

:resistência:

:passagem de correntes:

:volts:

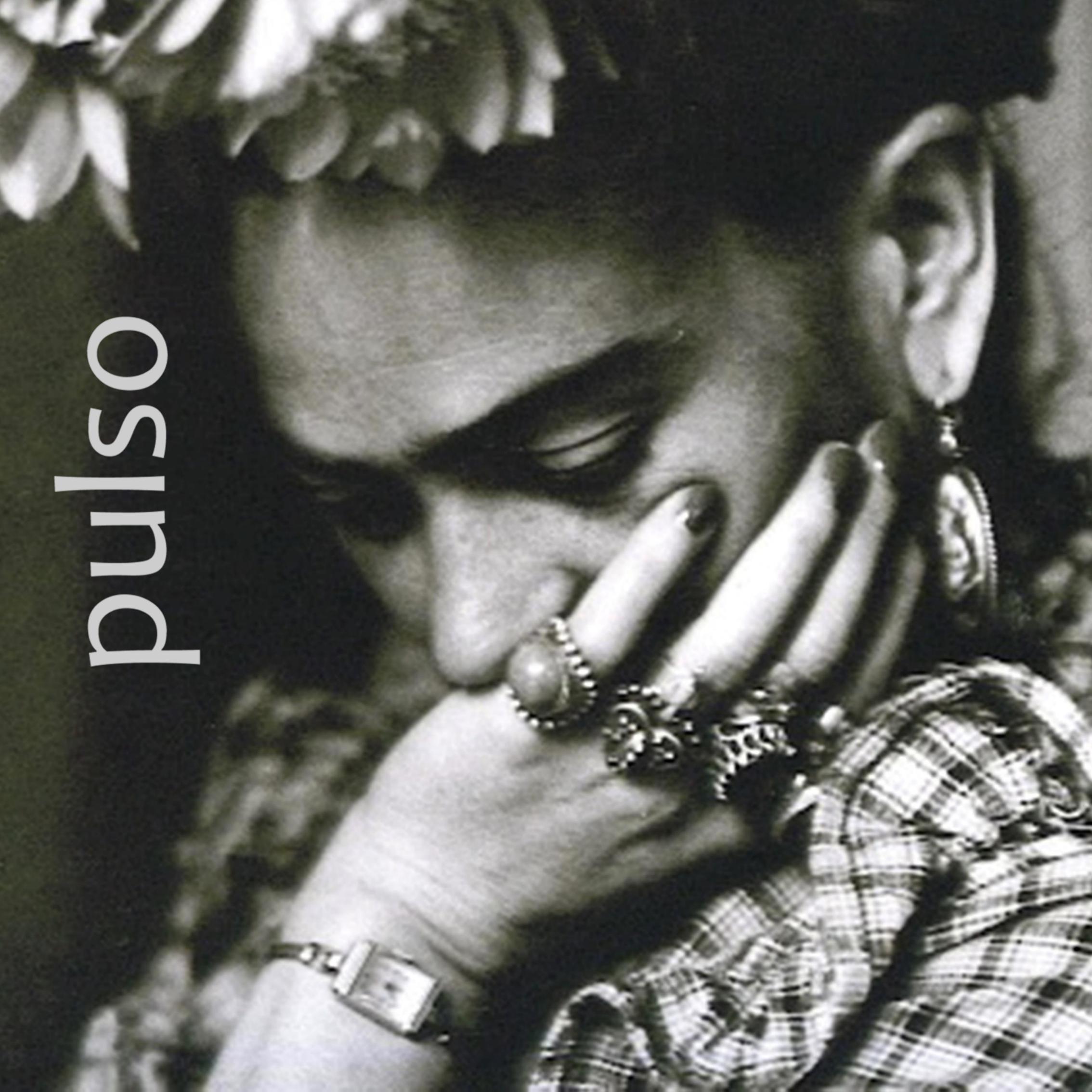
:revolução:

o coração tem volts e versos
as esquinas dezenas de argumentos e botecos
ração e razão à toa
- que não servem ao capital -
!não vêsi é fundamental
|o muro| a sombra| a tristeza|
os bolsos cheios de durezas, de compromissos e de faturas
os cifrões, esses sanguinolentos bichos
se alimentam disso
da dívida, do medo, da culpa
palavras pálidas do inimigo

mas o coração tem versos e viço
novas fagulhas e léxico
para escrever o impossível

carla
Carbatti

pulso



Anjos Beatniks

Na solidão das flores do universo
me beatifico.

Doce-ácida primavera *beat*.

A estranheza do mundo
me namora em beijos
molhados
de eternidade.

Pode até soar como
insanidade
mas trepo
nas tripas
do vácuo.

E bailo nas lâminas
do ilógico.

Vou mencionar
um vagabundo
iluminado
dono de uma alma
cheia de jazz.

Místico errante
em busca do penúltimo
copo de loucura.
A rodar na *route 66*.

Eu também
numa liberdade maltrapilha
coroava a madrugada
num gozo cósmico.

Ainda
quero tudo
outra vez
(mesmo que tarde)
numa taça
de delírio.

tito
Leite

espaço vítrico tingido azul profundo coral peixe
areia move moinho
empurra ar sentido aquático medusa sereia
plástica fundo água espelho
silêncio bolhas nado vida vaga netuno mito
tridente alga

diniz
Gonçalves

Aquário
Municipal

Aranha

A aranha enorme e obscura estava escondida debaixo da cama, enquanto os dois corpos se entrelaçavam sobre um colchão ortopédico – e ouvia-se o ranger de dentes, e os gritos abafados que a união entre pessoas que se desejam proporciona.

A cama era de madeira negra, antiga, talvez resistente igual ao cinismo, igual ao frio da madrugada e ao desprezo ao telefone. Era uma cama que não se desmontava, precisava ser carregada com cuidado, assim como a aranha, assim como o que é passível de perder a vida a qualquer momento.

A aranha permanecia imóvel, alheia, como se possíveis presas ali no quarto não lhe chamassem a atenção para a fome que se descortina ao que também é vivo e invertebrado.

A aranha arfava discreta, impercebível aos olhos distraídos de qualquer pessoa. Ela era impenetrável e grotesca como se caminhasse lentamente sobre o corpo de um bebê. Os ruídos e os movimentos bruscos da grade da cama provocavam nela movimentos milimétricos. Era durante a noite que elas caçavam, porém alguma coisa a impedia e a aticava gradativamente.

Mas sobre a cama havia um homem nu e uma boneca inflável.

Sobre a cama havia um homem de sessenta anos, grisalho, solteiro e com o colesterol nas alturas. Ele enfiava a língua no orifício redondo, pintado de vermelho que era a boca daquela mulher de plástico.

No vai e vem do desejo, ele sussurrava e imaginava uma mulher real pronta a satisfazê-lo, calada, de olhos fechados, uma mulher estática como bonecas de porcelana – mas nunca como aquela boneca desengonçada.

Era a compensação difícil para si mesmo, a tara pós-moderna, o ritual secreto da solidão.

antônio LaCarne

Então a aranha, talvez incomodada ou curiosa, escalou lentamente o pé da cama até encontrar o colchão, e ali se manteve intacta, em contraste com o lençol branco demais.

O homem adormecera após o gozo verossímil.

A caranguejeira se aproximou do homem, talvez atraída por alguma fagulha de desejo?

O corpo do homem sem pelos seria o terreno propício para que ela, sem ser percebida, atingisse o seu objetivo. Um objetivo íntimo das aranhas.

E o objetivo da caranguejeira era posicionar-se sobre rosto do homem, que ao abrir os olhos – por um milésimo de segundo –, estava prestes a gritar de horror. Porém quem havia se horrorizado milésimos de segundos antes foi aranha, que lhe fisgou a pupila antes mesmo que ela se dilatasse.

O homem arrancou a aranha do rosto, esmagando-a com as mãos, aos gritos de desespero. Os pelos urticantes penetraram em suas narinas e ele estava prestes a sufocar. O coração batia cada vez mais rápido, a dor era insuportável.

O homem caiu de joelhos ao pé da cama, que se desmontou, barulhenta, inesperadamente igual a um vulcão em erupção na ilha de Java. Vulcão em formato de cone formado pelo magma extravasado.

O magma daquele homem seria o próprio coração impedido de ultrapassar sua caixa torácica.

Mas ele não estava morto.

E sobre o rosto da boneca inflável, outra aranha, uma bem menor, talvez faminta, talvez imitando o comportamento da mãe – ou apenas curiosa.



a grande razão

depois a boca rasgada
não podia gritar
mas não queria
tava satisfeita

primeiro foram os olhos
golpe rápido deixei q fosse
até gostei foi quase sem dor
depois foram as orelhas

o nariz nem senti
inda q com uma serra
já não sentia
já não precisava gostar

golpe afiado deixei q fosse
até gostei valia a pena
noutro dia as mãos golpe rápido
deixei q fosse era o melhor

num colchão duro
sei q nasci praquilo
prum corpo suado
peludo sobre mim

depois os braços
os dois num golpe só
quase fugi mas desisti
era pro meu bem

pruma rola suada
peluda no meu rabo
mas os enjoos
apontam pro milagre

geovanne
otavio
ursulino

as pernas foram pra
eu saber meu lugar
golpe tão forte
quanto podia ser

por fim entendi
q tá tudo bem
a grande razão
foi alcançada

caminho entre homens
de sobretudo sóbrio
sobra tristeza no meu coração

que me falte o essencial
me é íntimo o que desconheço

o frio líquido nas mãos estreitas
molda as aves no silêncio
aqui
de onde vejo o que meus olhos choram

a mesma cidade
reinventada
dentro
rascunhos de sonhos sem pátria

todas as insignificâncias cabem em mim

não preciso andar de pressa
não sei de nada importante
não vou salvar o mundo

caminho entre homens
de sobretudo sóbrio
sobra tristeza no meu coração.

sobretudo

carla
Carbatti

nvblado

às vezes sangra
silêncio ~~~~~
máquinas de churos no asfalto
as palavras saem ocas
mas a chuva
a chuva sempre atrasa

jean
Albuquerque

há festa e frestas
quando estrelas espocam

guerras nos olhos, nos ombros
colunas corroendo-se
dentro da última palavra
de amor
um afogado, um âmbar e uma armadilha
você e eu nus
desconfigurados pela chama do sol
poente
pessoas, polícias e políticas aflitas
sem saber o que fazer
com os detritos, com os restos, com a coisa
viva

há versões plurilíngues dos acontecimentos
o pó, o vírus, a dor
o corpo massacrado é húmus

:canta a terra:

há festa e frestas
quando brota a flor

festas e frestas

carla
Carbatti

negligência

jean
Albuquerque

a felicidade apodreceu
com o casamento
na depressão a voz fica soturna
e Deus sabe que se não fosse ela
eu já teria me atirado
daquela janela

dor da pedra

a dor da pedra

o grito do dono do eco da pedra
soa pra sair da imensa cratera
onde nada ressoa

só pedra em baixo da pedra
um grito de socorro e mesmo ela
a pedra não responde

a pedra em cima do peito em baixo do pé
não deixa que nada se mexa
além das lenda
o pó que o vento leva na morte do tempo
solta dela
no peso da pedra
silencio e só

paulo
césar.
Moreira

Pat Lau

Pat Lau que já foi um dia Patricia Laura Figueiredo, depois Patricia Laura até chegar nesta vontade de essência feito o que fica de um poema. Se "Créer c'est se créer" como nos diz Rilke começou criando e eliminando os excessos do seu nome (explicação dada para não acharem que Pat Lau é um pato vietnamita ou uma alma tibetana desencarnada). É poeta com três livros publicados: poemas sem nome (Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2011), no ritmo das agulhas (São Paulo: Patuá, 2015) e poemas bebês (São Paulo: Dash, 2016). E vigia e cuidadora de infâncias.

geovanne otavio ursulino

publicou o livro de poemas "como num inferno pra marinheiros" (maceió: iogram, 2017). escreve no blog Amorfo Poema: www.amorfo poema.tk
e-mail: ursulino@alagunas.com

sobre os autores

alberto lins caldas

poemata.

michely Verunsch

é autora de *Geografia Íntima do Deserto* (Landy 2003), *O Observador e o Nada* (Edições Bagaço, 2003), *A Cartografia da Noite* (Lumme Editor, 2010) e *b de bruxa* (Mariposa Cartonera, 2014). Foi finalista, em 2004, ao prêmio Portugal Telecom com o livro *Geografia Íntima do Deserto*. Publica em 2014 seu primeiro romance *Nossa Teresa - vida e morte de uma santa suicida* (Editora Patuá, com patrocínio do Programa Petrobras Cultural), vencedor do Prêmio São Paulo de 2015. Prepara, dentre outros projetos literários, sua poesia reunida. É doutora em Comunicação e Semiótica e mestre em Literatura e Crítica Literária, ambos pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ana iris Santos

Poeta. Graduanda em Zootecnia.
Escreve no blog Concha Poema:
conchapoema.blogspot.com

luna Salazar

Nascida em Maceió, em 1990.
Escreve em seu blog pessoal:
lunaslzar.blogspot.com

carlos Moreira

é poeta.

natália Agra

Nasceu em Maceió, Alagoas, em 1987.
É poeta e jornalista. *De Repente a Chuva* (São Paulo: Corsário-Satã, 2017) é o seu primeiro livro.

jean Albuquerque

nasceu em Maceió, Alagoas, em 1987. Formado em Jornalismo, escreve sobre Cultura Alternativa no blog SIRVA-SE. Participou da 1º edição do primeiro Festival Literário na Internet (FLIPOBRE). Lançou neste ano, o livro de poemas Os Deuses Estão Embriagados de Uísque Falsificado (Sirva-se), Meu peito é um caminhão de mudança abarrotado com todas as lembranças que você deixou (2016), lançado pelo selo de Hardcore carioca Oxenti Records, é seu livro de estreia. Entrevista escritores alagoanos no Projeto Margem Cultural.

diniz Gonçalves

(Diniz Antônio Gonçalves Bala Júnior), nascido em 1971, paulistano. Autor de "Decalques" e "Concha Acústica", tem poemas e artigos publicados em diversos jornais e revistas.

antônio LaCarne

é cearense, nasceu em 1983. É autor de "Salão Chinês" (Patuá, 2014), "Todos os poemas são loucos" (Gueto Editorial, 2017). Participou das coletâneas "A Polêmica Vida do Amor" (Oito e Meio, 2011) e "A Nossos Pés" (7Letras, 2017). Seus textos estão presentes em revistas e suplementos literários.

carla Carbatti

é doutoranda em Estudos da Literatura e da Cultura pela Universidade de Santiago de Compostela (USC). Possui textos poéticos, ensaísticos e resenhas publicados em várias revistas eletrônicas. É autora do livro de poesia 'Na cadência do caos' editado pela urutau, 2016.

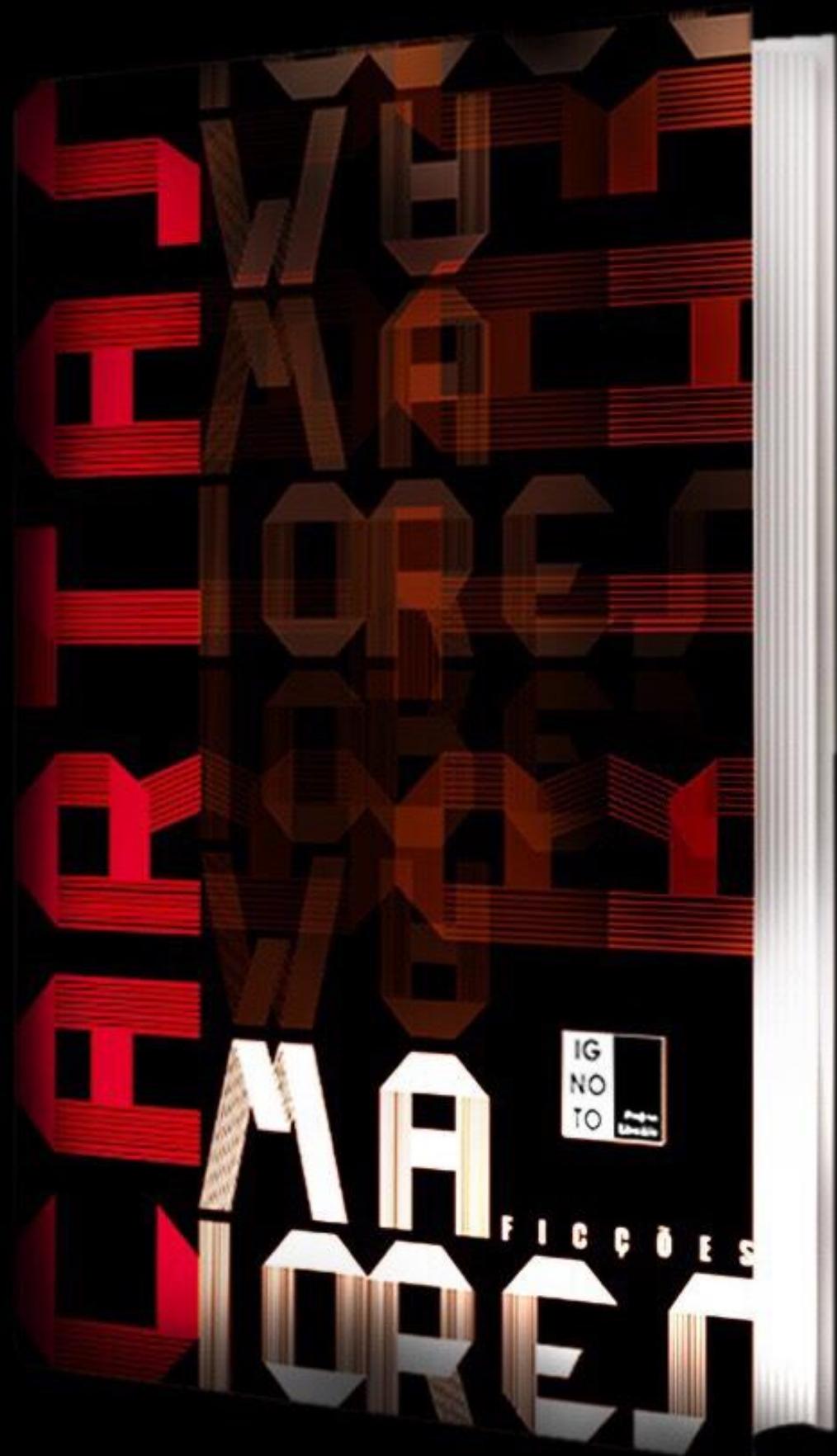
paulo césar. Moreira

Vive em Maceió, é astrofísico, músico e historiador.

tito Leite

nasceu em Aurora/CE (1980). É poeta e monge, mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Têm outras coletâneas publicadas nas revistas Mallarmagens, Germina e na portuguesa Triplov. Sendo, DIGITAIS DO CAOS, o seu primeiro livro.

Cartas Maiores é uma antologia com textos produzidos por onze autoras alagoanas. Os vinte e dois arcanos maiores do Tarô de Marselha foram a base para os contos e crônicas presentes no livro. A atmosfera criada pelo Tarô fez surgir uma releitura urbana e contemporânea dessas cartas através do olhar único de cada escritora. O livro traz, ainda, uma série de fotografias no início de cada capítulo, simbolizando a unidade entre cada carta e a criatividade dos onze estilos de escrita.



revista.
de criação
literária

ISSN
2447-1003

